

EDITORIAL

O volume 8 da Revista EstreiaDiálogos compila os dois números de 2023 e conta com cinco textos, de autores portugueses e brasileiros, incidentes em contextos de formação inicial e contínua de professores e educadores. Os textos dão conta de diferentes fases de processos de investigação-ação-formação, dos quais se captam momentos únicos e, muitas vezes, irrepetíveis e que passam a constituir memória histórica, em deixar de constituir exemplos da natureza multifacetada dos processos de construção de conhecimento no âmbito da atividade do humano.

O volume inicia com o texto de Luís Mestre, da Escola Superior de Educação de Lisboa, intitulado “A investigação-formação no movimento da Escola Moderna”. O texto estuda os processos de constituição de uma comunidade profissional de prática, no seio do movimento da Escola Moderna em Portugal, constituída com vista a promover um desenvolvimento profissional docente de seis professores do 1.º CEB, através da escrita, de diários, ensaios e outros textos científico-pedagógicos. A avaliação do projeto de investigação-formação realizou-se através de entrevistas individuais e de *focus group*. Apesar das dificuldades evidenciadas, na conciliação entre um projeto investigativo-formativo e a prática docente, a investigação-ação e a escrita, bem como o feedback dado pelos colegas, afiguram-se essenciais a um processo reflexivo de produção de conhecimento profissional, realizado a partir dos e com os professores.

Continuando a debater os processos coletivos de produção de conhecimento a partir dos profissionais de ensino, o texto “Rememorando o GEFEL: uma experiência contra o desperdício do saber fazer docente”, de Margarida Santos do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira, traz-nos o relato da constituição do Grupo de Estudo e Formação de Escritores e Leitores (GEFEL). Trata-se de um grupo de professoras dos anos iniciais do ensino fundamental do Rio de Janeiro, que procuram desenvolver um projeto de alfabetização que contrarie o fracasso escolar das crianças oriundas das classes trabalhadoras. Recordando o percurso vivido, as finalidades do grupo e o seu projeto político, a autora, na qualidade de coordenadora do grupo aquando a sua constituição, recupera a história de uma luta pela constituição e visibilização da produção de conhecimento curricular a partir do *saberexperiência* de quem vive o quotidiano escolar, salientando as conquistas e derrotas de um percurso de mais de 20 anos.

Da investigação-ação em contextos de desenvolvimento profissional, passamos para a investigação-ação aliada a processos de observação de aulas. Incidindo na formação inicial de professores, Carolyn Leslie, da Universidade Nova de Lisboa, traz o texto “YouTube vídeo observation in initial teacher education”. A observação de aulas, aliada a processos de análise e reflexão sobre a prática profissional, com vista a intervir e melhorar essa prática, tem sido largamente utilizada na supervisão do estágio. Contudo, a recente pandemia COVID-19, tendo inviabilizado a observação *in loco*, promoveu a emergência de respostas alternativas, sendo uma delas descrita e analisada neste texto. A escolha criteriosa de situações de lecionação, a existência de guias de análise e reflexão validadas e o feedback sistemático da supervisora ajudam a aprender sem o contacto direto com as escolas e as situações de aprendizagem, embora não possam ser usados para substituir a observação direta da prática.

Filipe Oliveira, da Universidade do Minho, continua a reflexão sobre a observação de aulas como estratégia de promoção da reflexividade profissional, no texto “Para caminhos de reflexão no ensino da história: a observação como uma estratégia de supervisão e desempenho docente”. O conceito de professor investigador da sua prática exige um profissional que seja capaz de a analisar e, nesse âmbito, a capacidade de a observar é incontornável. O autor traz uma proposta de um instrumento de observação da aula-oficina que ajuda à auto e heterosupervisão da ação, desenvolvido e testado em contexto da educação histórica. O instrumento de observação ajuda a operacionalizar as fases do ciclo de observação e as fases de aula-oficina, analisando o desempenho do professor, mas inquirindo também os alunos, de modo a ter uma visão o mais completa possível da aula que apoie a reflexão e a tomada de decisão.

A observação da prática, agora de uma educadora de infância, e o modo como ela serve processos de reflexividade profissional que apoiam tomada de decisão mais informada e fundamentada, é objeto do texto que encerra o volume: “O currículo em creche: contributos da autossupervisão pedagógica para um currículo respeitador”, de Diana Neto da Universidade do Minho. Tendo em vista a construção quotidiana de um currículo da creche que promova um desenvolvimento emocional, afetivo, psicomotor e cognitivo equilibrado de cada criança, a autora relata uma experiência de autossupervisão da sua prática profissional baseada em registos fotográficos interpretativos das aprendizagens das crianças. Os registos tomados ao longo de vários meses, incidentes nas necessidades e aprendizagens que as crianças vão evidenciando, ajudam a indagar a prática num processo cíclico e sistemático de reflexão que, por sua vez, ajuda a tomar decisões profissionais mais informadas, mas também mais respeitadoras da individualidade da criança.

Neste volume da Revista EstreiaDiálogos, apresentamos, deste modo, uma compilação diversificada de textos que exploram estudos e práticas no âmbito da formação de professores e educadores. Estes contributos não só enriquecem o panorama académico, mas também oferecem olhares valiosos sobre o desenvolvimento profissional e os processos de construção de conhecimento. Ao refletirmos sobre estes trabalhos, reconhecemos a vitalidade da investigação-ação e da reflexão contínua no âmbito da educação. Agradecemos aos autores, revisores e leitores por tornarem possível mais uma edição significativa da Revista EstreiaDiálogos. Que as ideias partilhadas inspirem novas pesquisas, debates e práticas transformadoras na busca constante por uma educação mais inclusiva, reflexiva e inovadora.

Maria Alfredo Moreira

Mário Cruz